

# Os meios, o esquecimento e a anestesia a partir de Lima Barreto

Erick Araújo<sup>I</sup>

**Resumo:** Lida-se com a questão das drogas, meios benéficos e nocivos de esquecimento. Menos uma análise do que, quase, mera repetição das palavras de Lima Barreto. Algo que, por um lado, denota persistência de um estado de coisas enfrentado pelo autor, e, por outro, dá visibilidade ao caráter de herança de suas palavras: oferta ao futuro.

**Palavras-chave:** Lima Barreto. literatura afro-brasileira. guerra às drogas. memória.

## Means, forgetting and anesthesia from Lima Barreto

**Abstract:** We deal with the drug question, beneficial and harmful means of forgetting. Less an analysis than, almost, a mere repetition of Lima Barreto's words, the article denotes, on one hand, the persistence of a state of affairs faced by the author, and, on the other, gives visibility to the inheritance of his words: an offering to the future.

**Keywords:** *Lima Barreto. Afro-Brazilian literature. war on drugs. memory*

---

<sup>I</sup> Doutorando em Metafísica no PPGM/UnB. Mestrado (ENSP) e Doutorado (UFF) em Bioética e Saúde Coletiva. Graduação (UERJ) em Pedagogia. Vínculo institucional: discente da Universidade de Brasília, Campus Darcy Ribeiro, ICC Norte, lado B, Módulo 26, Subsolo, Brasília – DF, 70910-900. E-mail: ericklaraujo@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8993-5456>. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/9375637161965080>. Brasília, Brasil.

Certa vez uma mulher, com um copo de plástico pronto para o uso do crack em sua mão, disse: “eu usaria menos [crack], tipo só no fim de semana [...] se tivesse minha casinha, meu dinheiro, mas não é assim”<sup>1</sup>. Não é assim. Não se tem casa ou dinheiro. E o que ela parece dizer é que o uso de drogas não é desvinculado do estado de coisas. E só levando isso em consideração, ou seja, como as coisas são, que se pode analisar o dito “problema das drogas”. Mas o que se faz é, para usar um termo do vocabulário de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, deixar-se reger por *manias*: a da abstinência e a da guerra. E que se lembre: quando se diz manias fala-se em ideais vazios que se revezam retroalimentando-se: ciclos e ciclos quase sem fim de erros sobre erros. E não se diz erro por acaso. Pois parte-se de um erro: a análise do estado de coisas desde um ideal e não das condições de tal estado; passa-se por um erro – ações derivadas dessa análise; e tem-se como fim e início de um novo ciclo outro erro: o critério de avaliação das consequências dessas ações é sua adequação aos ideais que as forjam – ignora-se ou finge-se ignorar o quanto tais ações e suas consequências realimentam as condições de miséria do presente.

É, exatamente, para essa realimentação de um estado de miséria que Lima Barreto aponta. No entanto, há uma penumbra que encobre suas palavras: os fatos pessoais, como a veiculação de sua relação problemática com o álcool. Aqui se vê que a mania – o ideal vazio – precisa de seu complemento para agir sobre a vida: a exaltação do factual<sup>2</sup>. Apenas assim pode-se, ao mesmo tempo, deter-se ante ao fato de se usar crack ou se beber parati e, daí, fazer emergir um ideal de abstinência e de guerra às drogas. Impede-se a análise e a interpretação do estado de coisas. É o que mostra Carolina Maria de Jesus em uma passagem de *Quarto de Despejo*: “Um sapateiro perguntou-me se o meu livro é comunista. Respondi que é realista. Ele disse-me que não é aconselhável escrever a realidade”<sup>3</sup>. Impede-se, concomitantemente, análise e interpretação do presente, assim como de suas relações com os diferentes usos de diferentes substâncias. Daí, talvez, a pouca atenção dada aos escritos barretianos acerca do álcool e de outras drogas, inclusive daquelas que não são substâncias: a eles que se dará atenção aqui.

---

1 Araujo, 2017, p. 142.

2 Nietzsche (1998, p. 139) chama esse “*querer deter-se ante o factual*”, “essa renúncia à interpretação”, de “*vontade de verdade*”.

3 Jesus, 1993. p. 96.

“Há sempre no Estado curiosas contradições”<sup>4</sup>, afirma Lima Barreto, em uma crônica de 1915. Nela o autor fala de explosões que vinham acontecendo na cidade do Rio de Janeiro. Segue dizendo que seria importante que se averiguasse quais seriam as causas das explosões – seriam acidentais ou propositais. Mas nada efetivo nesse sentido ocorre. No entanto, algo se sabe: que algumas pólvoras sob certas condições explodem espontaneamente. Apesar disso, o que se noticiava pela imprensa é que o Estado vendia, quando avariada, tal pólvora. E, em um fechamento pleno de ironia, diz: “Creio que o governo não é assim um negociante ganancioso que vende gêneros que possam trazer a destruição de vidas preciosas; e creio que não é, porquanto anda sempre zangado com os farmacêuticos que vendem cocaína<sup>5</sup> aos suicidas”. Há sempre no Estado curiosas contradições. Trata-se da constituição de um meio no qual “vivemos sempre ameaçados de ir pelos ares”, “como se estivéssemos a bordo de um navio de guerra”<sup>6</sup> (p.139), cujos canhões estão voltados para cima e sua superfície encontra-se plena de substâncias explosivas. O Estado, a um só tempo, mira e atira os canhões, alimenta o navio de pólvora, mas vê como causa da ameaça o pó branco que salpica o pretume do explosivo. Que se repita, mais uma vez: há sempre no Estado curiosas contradições.

E não é outra coisa senão apontar para tais curiosas contradições que o autor da Vila Quilombo faz em crônica intitulada *A túnica de Néssus das leis*, de 1921. Em suas primeiras palavras já afirma: “Nunca se viu o governo facilitar a vida dos pobres-diabos. Ao contrário”<sup>7</sup>. O autor segue exemplificando as dificuldades impostas aos empobrecidos – enquanto “o capital, representado pelo senhorio e por vários negociantes”<sup>8</sup>, aproveita – ressaltando um ponto: “um prefeito qualquer quer entulhar de lama a baía de Guanabara, uma das maravilhas do mundo”, para fazê-lo, “precisa por um inofensivo morro abaixo”, e, na realização de tal obra, “os amigos do peito que dela forem encarregados, ganharão fortunas”<sup>9</sup>. Tudo isso

---

4 Barreto, 2004a, p. 139.

5 Parece que a cocaína se encontrava aí em uma situação fronteiriça, similar à que a maconha é posicionada agora – uma droga entre medicamento e veneno. Em uma pesquisa cuja hipótese é a do vício como alto medicação, fala-se do efeito da cocaína: “lethargic individuals who might or might not be depressed welcome the energizing and activating effects of a stimulant drug such as cocaine or ‘speed’ (an amphetamine)” Khantzian; Albanese, 2008. p. 03.

6 Barreto, 2004a, p. 139.

7 Barreto, 2004b, p. 399.

8 Barreto, 2004b, p. 399.

9 Barreto, 2004b, p. 399.

tem consequências, e não são simples: o “pobre-diabo já come mal; agora, não podendo suportar o aumento do aluguel, muda-se para um casebre sem ar, sem luz, acanhado, onde ele vai viver num monte com a mulher e os filhos”, daí “chegam-lhe as moléstias”<sup>10</sup>. O hospital separa a família. O homem é menos cuidado do que inspecionado. Morre: “lá vai o pobre Zé Manuel que o foi em vida, para a cova”, esta é “a caridade e a compaixão do governo”<sup>11</sup>: um trabalho de eliminação das condições de vida e, assim, da vida em si. No entanto, há algo mais. Pois, “ultimamente, o governo deu para se apiedar dos viciosos. Declarou guerra à morfina, à cocaína, ao ópio, ao *hachichish*, ao álcool, etc.”<sup>12</sup>. Mas que se atente para uma curiosa contradição: “[p]aternal governo que não cessa de oferecer e receber banquetes, bem regados a vinhos generosos” tenta, agora, “impedir que o pobre-diabo do Zé Manuel beba a sua cachaça! Beber *champagne* não é mal, nem embriagar-se com ela é vício; vício é beber parati”<sup>13</sup>. Assim, que se produzam leis para “tirar os homens e as mulheres do vício”<sup>14</sup>.

Algumas coisas se destacam. Ao se ler o título da crônica, algo vem a mente. Ou melhor, alguém vem a mente, Isaías. Lima Barreto afirma que o protagonista do *Recordações do escrivão Isaías Caminha* “está vestindo a túnica de Néssus”<sup>15</sup> da Sociedade”<sup>16</sup>: o ideal da ascensão mostra-se um envenenamento. O mesmo se diz sobre as leis: o regime jurídico da “guerra às drogas” nada mais é do que um veneno. Entretanto, se vê que trata-se de algo como uma mortificação, pois voltada a uma parte particular do corpo social: os pobres-diabos. Deve-se ter atenção, pois o que Lima Barreto não para de mostrar é que, se por um lado, os alvos são nítidos e os maiores danos são sobre eles distribuídos, por outro lado, a responsabilidade sobre o estado de coisas miserável que se impõe é apontada com precisão, não

---

10 Barreto, 2004b, p. 399.

11 Barreto, 2004b, p. 400.

12 Barreto, 2004b, p. 400.

13 Barreto, 2004b, p. 400.

14 Barreto, 2004b, p. 400.

15 Néssus é, no mito de Hércules, o centauro que tenta sequestrar Dejanira, esposa do herói. Hércules mata-o. Enquanto sangra, o centauro aconselha Dejanira a guardar um pouco de seu sangue, pois a partir dele pode fazer uma poção que faria o amor de seu marido por ela perdurar. Ela o faz. Embebe uma túnica e a dá para Hércules vestir. Ao contato do calor corporal, a túnica libera um veneno, que penetra o corpo do herói, ao tentar tirá-la, pedaços de sua pele são arrancados junto com as tiras do tecido.

16 Barreto, 1961, p. 43.

só a responsabilidade, mas o fato de que alguns se beneficiam do presente como tal. Assim o que se aponta é que a miséria existencial também tem um foco de prevalência.

E que se tenha atenção: Lima Barreto sabe dos perigos de certas substâncias. Em seu decálogo, em aberto, apresentado em seu diário, o segundo princípio é “não beber excesso de coisa alguma”<sup>17</sup>. Em um romance como *Clara dos Anjos*, o perigo da bebida é explícito nas figuras de Meneses e de Leonardo Flores. E, sobretudo, a bebida enquanto buraco negro aparece como probabilidade dada à Isaías, e a todo um povo. Que se lembre, também, que Carolina Maria de Jesus faz ver o feitiço que pode ser o álcool<sup>18</sup>. E Maria Firmina dos Reis, por sua vez, mostra que de um elemento produzido, circunscrito e controlado comunitariamente, com a desterritorialização brutal do sequestro da África para as Américas, o álcool passa a ser um vício.

Há, aí, algo que mais. Que se leia o trecho de pai Antero, em *Úrsula*:

na minha terra há um dia em cada semana, que se dedica à festa do fetiche, e nesse dia, como não se trabalha, a gente diverte-se, brinca e bebe. Oh! Lá então é vinho de palmeira mil vezes melhor que cachaça, e ainda que tiquira<sup>19</sup>.

Em terra estranha, o Brasil, ao falar da bebida, o velho diz: “Maldito vício é este!”<sup>20</sup>. Que se leia, agora, o trecho de uma crônica de Lima Barreto:

[o] isolamento faz-me mal à alma e ao pensamento. Mergulho no barulho dos outros, deixo de pensar em mim e nas fantasmagorias que eu mesmo criei para o meu padecer. A embriaguez que a multidão traz é a melhor e a mais inofensiva de todas que se tem até agora inventado. Nem o ópio, nem o álcool, nem o *hachisch* produzem a embriaguez que com a dela se assemelhe. Temos visões extranormais, sem estragar a saúde...<sup>21</sup>

Há mais. Outro trecho, outra crônica:

[o] subúrbio não se diverte mais. A vida é cara e as apreensões muitas, não permi-

---

17 Barreto, 1956, p. 33.

18 Jesus, 1993, p. 24.

19 Reis, 2017, p. 167.

20 Reis, 2017, p. 166.

21 Barreto, 2004b, p.137.

tindo prazeres simples e suaves, doces diversões familiares, equilibradas e plácidas. Precisa-se de ruído, de zabumba, de cansaço para esquecer, para espantar as trevas que, em torno de nossa vida, mais densas se fazem, dia para dia, acompanhando *pari passu* as suntuosidades republicanas. Ele não mais se diverte inocentemente; o subúrbio se atordoa e se embriaga não só com o álcool, com a lascívia das danças novas que o esnobismo foi buscar no arsenal da hipocrisia norte-americana. Para as dificuldades materiais de sua precária existência, criou esse seu paraíso artificial, em cujas delícias transitórias mergulha, enebria-se minutos, para esperar, durante horas, dias e meses, um aumentozinho de vencimentos...<sup>22</sup>

Aí... está tudo aí. E que se dê atenção, primeiro, a necessidade de esquecimento: seja nas festas africanas de pai Antero, seja no carnaval carioca, tão ambivalente, de Lima Barreto, esquece-se para poder viver. Trata-se de uma questão de saúde: “um pouco de sossego, um pouco de tábula rasa da consciência, para que novamente haja lugar para o novo”<sup>23</sup>. Por isso falar de meios e esquecimento, e não apenas de substâncias. Lima Barreto deixa nítido que há uma avaliação de meios pelos quais se pode ativamente esquecer: que se faça uso da embriaguez da multidão carnavalesca, pois com ela não se estraga a saúde. E, ainda, pode-se dizer: que se reguem as festas a vinho de palmeira. Mas o que se segue é que somada ao esquecimento há a memória – uma marca do animal humano. E nesse ponto, entre uma necessidade e uma marca, algo ocorre: a miséria instaurada no presente, a multiplicação de situações que, dadas as probabilidades, não se pode ganhar, independente do que se faça. A memória passa a ser um embrenhado de impressões recebidas, e repisadas, desse estado de coisas asfixiante. A memória configura-se como um “não-mais-poder-livrar-se”<sup>24</sup> dessas impressões. Perante isso, precisa-se de cada vez mais para poder esquecer. Mas que se dê outro nome, pois não se trata mais do esquecimento como força ativa e vital, não parece haver mais um impulso à criação: há anestesia – que se pare de sentir momentaneamente as dores do presente, para aguentar as horas, os dias, os meses de miséria.

O que surpreende é que, mesmo assim, há vida e há criação, e junto aos povos sobre os quais o peso das probabilidades é o maior. E para seguir, ainda, outro autor, um amigo/inimigo de Lima Barreto, pode-se dizer que há uma *força plástica*<sup>25</sup> própria a esses povos. Força para herdar, ativamente, o passado. Fazê-lo meio para um outro futuro. Herança e criação. Continuidade e

---

22 Barreto, 2004b, p. 504.

23 Nietzsche, 1998, p. 47.

24 Nietzsche, 1998, p. 48.

25 Nietzsche, 2003.

ruptura. A memória não é apenas um simples “não-mais-poder-livrar-se de”, mas “um ativo não-mais-querer-livrar-se, um prosseguir-querendo o já querido, uma verdadeira *memória da vontade*”<sup>26</sup>. Mesmo em um estado de coisas que impõe a quase impossibilidade de viver, se vive e se cria. Mas os perigos são muitos, pois se está a beira do abismo. E a linha que separa uma substância enquanto apoio ou empurrão é tênue. E aí se cria uma armadilha eficiente, uma coprodução Estado-Capital: a criação da miséria e do desespero para dela se afastar – a equação para formação de mão de obra barata e substituível; a venda livre e legal de algumas substâncias cujo funcionamento, tanto *inter* quanto *intra-individual*, é aquele de anestesia, e a criminalização daquelas, produzidas para ou tomadas pelas massas a beira da miséria – equação para a continuidade da produtividade e do gerencialmente populacional com as prisões e mortes. Fala-se em eficiência relacionada a tal armadilha pois há, ao mesmo tempo, um limite e um transbordamento. O limite é colocado pelo próprio alvo da armadilha, uma nova dentre muitas já enfrentadas: das correntes físicas às químicas, os caminhos são encontrados. Que não se leia aí um elogio ao sofrimento, sim à força de usar o sofrimento imposto por tal armadilha, por tal estado de coisas, enquanto material de constituição de uma herança cuja novidade é, exatamente, a possibilidade de vida enquanto superação do presente. O transbordamento, por sua vez, se dá, pois, a eficiência da armadilha atinge, também e concomitantemente, aqueles que a armam, que se beneficiam de seu funcionamento ou que, meramente, se veem livres de seus efeitos. Se a miséria material é distribuída voluntária ou involuntariamente, a existencial é efeito colateral, não da voluntariedade, mas de tal distribuição.

Ao falar em miséria existencial, que não se fale apenas em substâncias de preferência – por exemplo, o *champagne* e o vinho citados por Lima Barreto. As drogas mais eficazes extrapolam a condição de substâncias. Que se lembre da mania de Policarpo Quaresma: o nacionalismo. Um buraco negro que suga toda a sua vitalidade. Uma idealização que, a um só tempo, distancia-o da concretude e impede-o de interpretá-la. Correlata à mania de Policarpo há a do general Albernaz: uma mania histórica, ele repete incessantemente a narração sobre a guerra da qual não participou, mas cujo centro passa a ser ele. Que se corrija, então, e se nomeie melhor tal mania: uma mania da *própria* história. Talvez o *eu* seja a droga mais pesada: soterra alteridades – do passado, do presente e do futuro – em

---

26 Nietzsche, 1998, p. 48.

prol de *um* presente, o eu. A droga mais pesada, pois o preenchimento com um ideal de *si* esvazia seu usuário ao mesmo tempo que o isola. Que sejam repetidas as palavras de Olga a seu marido: “É isso! *Eu*, porque *eu*, porque *eu*, é só eu para aqui, *eu* para ali... Não pensas noutra coisa... A vida é feita para ti, todos só devem viver para ti...”<sup>27</sup>.

Deve-se ressaltar algo aqui. Tal é o ponto no qual se vê que não se disse por acaso que Lima Barreto tem em Nietzsche um amigo/inimigo. Há uma agonística própria a relação do autor da Vila Quilombo com o autor de *Genealogia da moral*. Que se recorde da definição de amizade dada por Zaratustra: trata-se de uma conjuração contra a interioridade enquanto buraco negro, ela é uma via em direção ao mundo, e para tanto, a amizade é também guerra. E, tendo isso em mente, que se lembre do uso, tanto explícito quanto implícito, que Lima Barreto faz de Nietzsche (e de Machado de Assis). Verdadeira relação de amor e guerra. Ponto referencial ao qual Lima Barreto se aproxima e se distancia, em um trabalho que, a partir dele e passando pelo mundo, se dá sobre *si mesmo*. A amizade é a alteridade no *próprio* coração. O isolamento dado pela mania do *eu* é mortuário, pois extirpa tal alteridade. Nesse sentido, Lima Barreto afirma que Nietzsche providenciou os meios para que os atingidos por tal mania pudessem se proclamar *super-homens*. Por isso Lima Barreto afirma: “Não gosto de Nietzsche; tenho por ele ojeriza pessoal”; “Ele deu à burguesia rapace que nos governa uma filosofia que é a expressão de sua ação”; “Nietzsche é bem o filósofo do nosso tempo de burguesia rapinante, sem escrúpulos”, do tempo de “brutalidade”, do “‘make money’ seja como for, dos banqueiros e industriais que não trepidam em reduzir à miséria milhares de pessoas”, e não se eximem, também, de “engendrar guerras, para ganhar alguns milhões mais”<sup>28</sup>. Lima Barreto, o intempestivo, contra o seu tempo, a favor do porvir. Assim se compreende sua atitude em relação a Nietzsche (e a Machado de Assis): que se golpeie o presente a partir dele, mas que não se tenha compaixão quando nele se escoram e ecoam as forças de tal estado de coisas.

Há algo na utilização de Nietzsche pela “burguesia rapinante” que diz mais sobre ela: seu modo de operação é a desvitalização. Para poder se utilizar de algo, se apropriar de algo, é necessário que esse algo não tenha mais vida, seja esvaziado. Quando Lima Barreto fala dos subúrbios é pertinente

---

27 Barreto, 1997, p. 172.

28 Barreto, 2017, p. 220.



se ter em mente a palheta que os constitui: vai da pobreza a classe média, passando pelos desejos de revolução, de ascensão e manutenção social. Ao falar do “esnobismo” do subúrbio já se sabe a quem o autor se refere. Mas cabe atenção, tal esnobismo vai buscar meios para se embriagar “no arsenal da hipocrisia norte-americana”. Que elementos constituem tal arsenal? Aqueles “que os hipócritas estadunidenses foram buscar entre os negros e os apaches”<sup>29</sup>. Ao entrar nesse arsenal, tais elementos “perdem o que significavam”<sup>30</sup>. O ciclo é longo: trata-se de extrair e desvitalizar, a partir do *eu*. Mas trata-se também de se constituir a partir da oposição ao outro. A burguesia dos subúrbios (branca ou quase branca) para se opor à classe pobre do subúrbio (negra ou quase negra), distancia-se das expressões dessa última imitando “a alta burguesia”<sup>31</sup>, que, por sua vez, recorre à hipocrisia estadunidense, que extermina e segrega negros e indígenas, mas se apropria de suas expressões existenciais, esvaziando-as. Mas que se lembre de *Triste fim*: a etapa de extirpação pode se dar, também, na burguesia brasileira e na do subúrbio, e essas nada perdem em hipocrisia da estadunidense. Em tudo isso, lida-se com uma tentativa de preencher o vazio existencial por meio de um colonialismo de exploração imaterial. Entretanto, nesse próprio processo, o que é extraído esvazia-se. E tudo se passa como em um vício: precisa-se de mais. O vício mais danoso, pois suas consequências extrapolam, e muito, o corpo social por ele atingido.

Tal é o estado de coisas que Lima Barreto encarou. E para tanto, bebeu. Mas também escreveu, escreveu e escreveu. Não parou de criar e de escrever. Em algum lugar, ele diz que não consegue escrever sobre outra coisa senão a classe média. Talvez a ambivalência própria a ela o atrai, pois reflete um pouco a condição imposta a população negra: olhando para si com os olhos daqueles que a desprezam. Mas enquanto a classe média *escolhe* a fronteira da perseguição de seu ideal – distanciar-se da classe pobre e negra, aproximar-se da classe alta e branca – Lima Barreto oferece como herança um meio, um remédio. Não há dúvidas que para isso automedicou-se, e por vezes, anestesiou-se com a bebida. Mas isso não é o essencial. O essencial é sua herança: a *decisão*. Decidir assumir a posição imposta não de fronteira, mas de margem. Dela, da margem, a visão é mais ampla. Não se trata de olhar para um lado e para o outro. Mas ter o

---

29 Barreto, 2004b, p. 500.

30 Barreto, 2004b, p. 501.

31 Barreto, 2004b, p. 503.

horizonte a sua frente. Tal decisão tem seus custos, mas logo se percebe: estamos em vantagem. Vantagem analítica e existencial. Daí, Lima Barreto não parar de atacar o presente, o estado de coisas, mas também não parar de traçar linhas de conexão, de alianças, por meio da literatura. Desse ponto, desse ponto marginal, da literatura afro-brasileira – literatura que pelo seu próprio nome hifenizado denota uma colisão – dessa expressão existencial de um *povo* – menos um *já-aí*, algo como uma circunscrição a uma nação ou raça, do que uma constelação provisória, um *em-vias-de-ser-povo*, uma criação permanente – se fala a toda humanidade. Trata-se, aí, de um chamado que, ao ser respondido, impele à humanidade na direção oposta do seu vício mais perene e destrutivo: a constante restrição de seu horizonte.

## Referências

- ARAUJO, Erick. *A vida em cenas de uso de crack*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2017.
- BARRETO, Lima. Crônicas. In: Resende, Beatriz; Valença, Rachel. *Toda Crônica: Lima Barreto*. Volume I 1890-1919. Rio de Janeiro: Agir, 2004a.
- BARRETO, Lima. Crônicas. In: Resende, Beatriz; Valença, Rachel. *Toda Crônica: Lima Barreto*. Volume II 1919-1922. Rio de Janeiro: Agir, 2004b.
- BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- BARRETO, Lima. Estudos. In: Resende, Beatriz (org.). *Impressões de leitura e outros textos críticos*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017. p.218-23.
- BARRETO, Lima. *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*. São Paulo: Brasiliense, 1961.
- BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Klick; O Globo, 1997a.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 1993.
- KHANTZIAN, Edward; ALBANESE, Mark. *Understanding Addiction as Self Medication*. Finding Hope Behind the Pain. Lanham: Rowman & Littlefield, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Trad. Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Rio de Janeiro: Relume Dumará,

2003.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2017.

Recebido em 25 de agosto de 2020 e aceito em 01 de março de 2021.

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons

